

"Câmbio centralizado é bom para credores"

GAZETA MERCANTIL

20 FEV 1987

por Tom Camargo
de Londres

Três grandes credores do Brasil, baseados na City de Londres, disseram ontem que não estão "excessivamente preocupados" com a possibilidade de que o Banco Central decida pela centralização das operações de câmbio do País.

Um deles, diretor de um dos quatro grandes bancos comerciais ingleses, disse que "não existe até agora nenhuma informação sólida sobre os planos do Brasil. Portanto, o que estamos esperando de mais imediato é a centralização do câmbio".

Todos esses três banqueiros argumentam que a centralização do câmbio acaba sendo boa para os credores. Concordam em que a centralização diminui a possibilidade de que os credores com melhor presença em Brasília acabem recebendo antes, enquanto os demais ficam à espera de sua parte.

O Brasil pagou até agora, absolutamente em dia, todos os juros de sua dívida. O que tem acontecido é um pequeno aumento no prazo em que atrasados comerciais ficam em suspenso.

Isto é, dívidas de um estado da União que não são honradas e, portanto, acabam remetidas a seus avalistas, o Tesouro, para ser honradas, estão demorando mais para ser atendidas. Enquanto a praxe foi sempre de trinta a sessenta dias, ultimamente o prazo tem aumentado para cerca de noventa dias.

"É uma crise grave, mas é de curtíssimo prazo e muito mais suave do que a crise de 1982-83", considerou um banqueiro.

Existe um entendimento de que qualquer providência relativa à área externa deve ser tomada antes que o nível das reservas cambiais esteja "na lona". Um dos banqueiros calculou que o Brasil tem agora não mais do que US\$ 3 bilhões em reservas líquidas.

"Um dos pontos mais vulneráveis do Brasil são os bancos privados brasileiros no exterior", disse uma das fontes. Esse profissional, que morou no Brasil durante seis anos, disse que "na última crise deixaram para muito tarde o atendimento das necessidades desses bancos".

O temor é de que, incapazes de cumprir seus compromissos nas linhas inter-

bancárias e comerciais, esses bancos acabassem por justificar, por necessidade insuperável, um processo generalizado de nacionalizações no setor bancário.

Firmas brasileiras que operam na City de Londres estiveram ontem sitiadas por telefonemas de pessoas interessadas em avaliar a substância dos boatos que correram pelo Brasil na última quarta-feira. Um dos rumores era que o Banco do Brasil não deveria abrir em Nova York para o expediente de ontem.

Outro rumor era que um diplomata qualificado, ligado ao Ministério da Fazenda, estaria preparando-se para uma série de contatos nos EUA e na Europa.

Hoje, a expectativa é de um comunicado oficial de Brasília sobre como pretende começar o processo de negociação de 1987.

(Ver página 20)

No último dia 13, o México pagou US\$ 1,1 bilhão, liquidando o saldo restante de um empréstimo-ponte fornecido em agosto do ano passado. Os bancos brasileiros receberam dos mexicanos US\$ 60 milhões.

(Ver página 2)